



À JANELA

De pé, em frente à janela.

Mais um dia. Mais um dia para me lembrar que morri. Só para isso. Como se fosse preciso lembrar a alguém que já não vive.

Seis meses passaram. Dizem eles. Aqueles que nunca amaram quem eu amei.

Acendido um cigarro. A olhar lá para fora, para o alto, para o nada, aparentemente.

Estou a pressentir-te sol... tenho decorados os movimentos, as expressões e as cores do céu quando estás prestes a irromper-lhe pelo ventre. São de partos doridos.

Os meus olhos não se fecham nem de dia nem de noite. Há seis meses. Dizem eles. Aqueles que nunca tiveram quem eu tive.

Aí estás tu sol... O mais activo participante no meu estado voluntário de inúpcia para a vida. A mais provocatória das testemunhas do meu súbito louquejar.

Expelida densa fumaça de uma larga passa no cigarro.

A quem julgarás que vens iluminar? A quem julgarás que vens dar vida? Ignorante!... Os pivetes ali debaixo da rua talvez te agradeçam. Quando cá estás podem vir pontapear as bolas e as caras, e desgraçarem-se, fora da vista dos pais e dos ecrãs de televisão e computador. Ninguém os atura. Nem os pais, nem as televisões, nem os computadores. Só eu. Só a mim ainda me obrigam a rasgar os ouvidos com as suas pisadas. Me atordoam com o



estrondo das suas vozes. Me esmagam com o reventar das suas gargalhadas. Aqui mesmo. Aqui dentro deste quarto. Por culpa tua sol. Toda tua.

Fumo muito condensado elevado no ar já aclarado.

... És tão estúpido sol. Ainda não percebeste que não fazes falta a nada, nem a ninguém? Que não me atinges? Que já te sou imune?

Quando vais perceber quanto és improfícuo? Quando vais perceber que o meu corpo já te enfrenta? Que te espera fito e erguido, antes que tu o ataques quando ainda está na cama? Demora o tempo que quiseres a entender. Por mim podes vir ou não vir quando preferires. Existir ou não. Tu e todos. Tu e o mundo.

Tu és apenas aquele de quem não consegui fugir. És apenas aquele a quem não consegui afugentar. Foste o único que ficaste. O único que sucedeste em ficar. Em seis meses. Dizem eles. Aqueles que não sonharam com o que eu sonhei. Mas já te derrotei sol. Aqui mesmo neste quarto.

Estoquei a família. Atirei sobre amigos. Olvidei o emprego. Logrei os médicos. Desesperei os voluntários ao serviço do social. Impeli toda e qualquer forma de vida. Os mortos não convivem.

Só as tuas invasões persistiram em violentar-me. Mas já te venci sol.

A noite martiriza-me. Leva-me á agonia. Recrudesce-me as chagas. Envolve o meu coração num manto de dor inumana. Ensanguenta-me a garganta. Mas a lua é empática para com estados incomensurável de sofrimento. A lua partilha a desesperação dos não vivos. Não se impõe aos finados. Não desrespeita declarações de agnóstia. Não perturba o exício.

A lua não me esbofeteia com audições, humanas ou animais, nem me chicoteia com visões, tão inquietantes. Esse papel é teu sol. Desempenhava-lo na perfeição. Até que triunfei.



Aproximação e encosto à ombreira da janela. O cigarro no final.

Não tenho qualquer memória dos tempos imediatos à minha morte. Mas quando nela acordei, tu tinhas aqui instalado neste quarto um relógio e ponto que, durante muito tempo, picas-te no início e no final do teu turno. Devias pensar que o *bip* dessa dupla acção diária me provocaria qualquer vibração, ou me inflectiria qualquer reacção. Enganaste-te. Usaste a arma e táctica erradas. Eu resisti-te. Mantive-me imóvel. Os mortos não se mexem. Devias saber. Desmagineste-te.

Apenas continuaste maquinalmente a parecer e a desaparecer. Inutilmente. Mas já sou eu quem te surpreende. Até os mortos se antecipam. Como aguentas pesada mediocridade?

Deixada a ombreira da janela. Depósito do cigarro no cinzeiro. Retoma da posição de encosto na ombreira da janela.

Eu sou a prova da rua pequenez. Da tua burrice. Eu morri. Há seis meses. Dizem eles. Aqueles que nunca se estremeceram quando a sua voz roçava a minha pele. E ainda assim ganho-te. Todas as vezes que te atreveres a defrontar-me.

Discordas? Desafias-me para um duelo final? Aqui mesmo? Tudo o que tenho que fazer é não abrir a janela? Que rude infantilidade. O que realmente queres é que a abra. Não o vou fazer. Sabes bem que não o vou fazer. Queres vir aqui dentro esfaquear-me.

Idiota! O que virias fazer seria esquartejar um morto. Seria uma necrotomia. Irias vomitar-te, de asco. Porque os mortos fedem. Irias embriagar-te com a minha áurea pestilenta. Irias vacilar ao primeiro contacto com a minha carcaça oca, moribunda, despojada de ser, de alma, de líquido, de fluidez.



Concedes-me um período de habituação antes de aceitar o teu desafio? Que condescendente! Como podes atingir tão elevado grau de cinismo?... Que não?!... A hipocrisia é uma forma poética por demais antiga para a blasfemares.

Que te experimente? Porque me darias tamanha vantagem? Por não viver há seis meses. Há seis meses, dizes tu também agora. Tu que nunca gelaste quando a sua pontualidade deslizava um minuto.

Que conheces tu da vida? Porque não largas quem morreu? Porque não abandonas quem não te quer? Só se te justificar por que morri. Não te contentas se te disser por que morri? Não. Queres mesmo uma justificação desse porquê.

Deslocação da ombreira da janela para o centro do peitoral. Firmamento dos braços no peitoral da janela.

É deveras simples. Não sei é se tu, mero astro, a quem indoutamente apodaram de central, centralizador, entenderás pitada. Nós éramos um só. Uma só forma. Uma só sombra. Uma só entidade. Uma só presença. Antes de nos juntarmos eu possuía corpo e espírito. Mas com a sua chegada ambos se fundiram no seu corpo e no seu espírito. Os dois originámos uma massa indissolúvel e indistinguível. Homogénea. Harmoniosa.

O eu meu, e o seu, deixaram de existir. Nasceu um nós.

Comungávamos toda a matéria que nos rodeava. O ar, o alimento, a paisagem, o livro. Entornávamos felicidade do jarro onde vivíamos. Espalhávamos pozinhos de encantamento no solo que pisávamos e por entre as gentes que nos olhavam. Até que um dia, o nós que durou sete anos desfez-se. A outra parte de nós, que não era suposto existir, o nosso era um nós sem partes, quebrou o nós. Essa parte, da qual eu não suspeitava, nem podia porque eu já não existia, não me deixou, porque eu, repito, eu já não existia. Essa parte apenas destruiu o nós. Amputou-o e ele sucumbiu. Não matou ninguém. Eu já não tinha eu para ser morto. Quando digo que morri, no singular, foi por isto, o que quero dizer á que o nós morreu... não foi



ninguém que morreu... mas falo na primeira pessoa simplesmente por hábito linguístico, não o professo literalmente.

Lastimas cada palavra minha sol? Como poderei acreditar?... Que olhe para a copa das árvores?

Não posso crer!... Foste buscar o vento.

Há seis meses que não o sentia. Sabes que o vento foi quem nos apresentou. O vento levou-me um chapéu-de-chuva que foi apanhado, e já não me foi devolvido. Quem ficou com o chapéu-de-chuva ficou comigo.

Deverei reconhecer-te alguma esperteza sol! Sabes que foi nesse instante que nos cruzámos e demos à luz um outro se, ali mesmo. À Chuva. Naquela avenida nasceu o nós. E tu sabias disso.

É uma estrela astuta, afinal. Tiveste a manha de trazer o vento.

Queres reavivar-me? Para o consegures, contraponho-te um desafio: vou abrir-te a janela, o que não é um sinal da minha ressurreição, somente se fores capaz de deixar entrar o vento e tu ficares aí fora, triunfarás...

Languidamente. Um corpo entorpecido. Dorido. Em bicos de pés. Desprendeu um safanão fraco e desajeitado e duas lágrimas presas há seis meses libertaram uma voz:

... A janela está aberta...